



UCRÂNIA / Forças de Volodymyr Zelensky conquistam terreno em Luhansk e em Kherson, regiões incorporadas por Moscou. Presidente russo promete “estabilizar” situação e promove líder checheno que defendeu o uso de armas nucleares

Putin ignora derrotas e sanciona anexações

» RODRIGO CRAVEIRO

Apesar de reconhecer as dificuldades na Ucrânia, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, sancionou, ontem, a anexação das regiões de Zaporizhzhia e Kherson (sudeste) e de Donetsk e Luhansk (leste). O chefe do Kremlin também assinou um decreto no qual isenta da mobilização parcial de reservistas os estudantes universitários e de instituições privadas. No dia em que Kiev anunciou novos avanços militares em Kherson e em Luhansk, um Putin cada vez mais pressionado buscou transmitir uma mensagem de otimismo. “Partimos do princípio de que a situação nos novos territórios se estabilizará”, declarou, em conversa com professores, durante videoconferência transmitida pela televisão.

Uma sondagem divulgada pelo instituto de pesquisas independente Centro Levada, sediado em Moscou, apontou que 47% dos russos reagiram com “horror” e “ansiedade” à ordem de Putin de mobilizar 300 mil reservistas para combaterem na Ucrânia — 23% se disseram chocados, 13% com raiva e outros 23% afirmaram sentir orgulho patriótico. A aprovação do presidente diminuiu de 83% para 77%. Também ontem, Putin promoveu o líder checheno Ramzan Kadyrov ao posto de coronel-general, poucos dias depois de o aliado pedir o uso de armas nucleares táticas como estratégia para forçar a recuperação de territórios.

Controle

Gunther Rudzit, professor de relações internacionais da ESPM e especialista em segurança internacional, afirmou ao **Correio** que, ao sancionar as anexações, Putin tenta mostrar ao povo russo que as coisas estariam sob controle. “A medida coincide com o acirramento das críticas ao governo, inclusive por parte de nacionalistas e de lideranças chechenas. As anexações seriam uma resposta às reprovações”, explicou. “Outra hipótese é de que, com a retomada de áreas por parte da Ucrânia, Putin poderia declarar guerra oficialmente, pois a Ucrânia estaria invadindo ‘território russo’. Ele também pode anunciar uma mobilização total, além de implementar medidas mais contundentes, como de controle da população.”



Militares ucranianos disparam morteiro contra soldados russos no front instalado na região incorporada de Donetsk, no leste do país

Kirill Kudryavtsev/AFP



Segundo Rudzit, as perdas humanas foram enormes para a Rússia. “O fato de os russos terem levado meses para reconquistar os territórios e os perderem em questão de semanas fez com que eles sofressem um abalo. O que torna mais complicada a situação é que os reservistas não têm preparo nenhum para a guerra, além de estarem acima do limite de idade. Quando chegarem ao front, se não fugirem, morreram rapidamente”, advertiu o

estudioso. Um cenário que, alerta, pode levar a uma situação de desespero para Putin, a uma deserção em massa entre os russos ou à falência militar das tropas do Kremlin na Ucrânia. “Isso tornaria Putin ainda mais perigoso, no sentido de poder apelar a uma arma nuclear tática.”

Por sua vez, Peter Zalmayev — diretor da ONG Eurasia Democracy Initiative (em Kiev) — disse que Putin enfrenta um “crescente divórcio” com a realidade

EUA acusam Kiev por atentado à bomba

Agências de inteligência dos EUA creem que setores do governo da Ucrânia autorizaram o atentado com carro-bomba que matou Daria Dugina, filha do nacionalista russo Aleksandr Dugin (E) — importante aliado do presidente Vladimir Putin. Daria morreu em 20 de agosto, perto de Moscou, depois da explosão de um artefato escondido em um SUV preto que pertencia a Aleksandr. Os serviços de inteligência de Washington não revelaram se o presidente Volodymyr Zelensky avaliou a operação.

na frente de batalha. “Existem dois tipos de realidade: uma virtual, criada pelo Kremlin, e outra ditada pelas Forças Armadas da Ucrânia no front. A realidade do Kremlin está se desfazendo”, afirmou à reportagem.

Zalmayev citou a existência de tensões entre membros da elite governante, com críticas ao presidente por parte de aliados e de Ramzan Kadyrov. “As forças ucranianas têm criado, com sucesso, um momento muito arriscado

para Putin, no cenário doméstico. A elite russa não acredita que Putin tenha atuado de forma decisiva o bastante e defende bombardeios indiscriminados na Ucrânia. Este é o dilema de Putin.”

Em relação às armas nucleares táticas, Zalmayev avalia que as chances de uso aumentaram, apesar de os EUA ainda não verem sinais de preparativos russos. “Se detonar esse tipo de artefato, Putin poderá perder aliados importantes, como a Rússia e a China”, observou.

Zaporizhzhia

Em uma medida polêmica, a Rússia tomou formalmente a usina nuclear de Zaporizhzhia, no sul da Ucrânia, que as forças de Moscou ocupam há meses, de acordo com decreto publicado ontem. “O governo deve garantir que as instalações nucleares da usina (...) sejam aceitas como propriedade federal”, afirma o texto. A maior central nuclear da Europa tem sido alvo de bombardeios desde março passado, o que aumenta o risco de vazamento radioativo. Zaporizhzhia está situada em uma das quatro regiões anexadas pela Rússia.

QUATRO PERGUNTAS



SERHIY HAYDAY, GOVERNADOR E CHEFE DA ADMINISTRAÇÃO MILITAR DA REGIÃO DE LUHANSK

Como o senhor vê o fato de as tropas da Ucrânia avançarem em Luhansk no mesmo dia em que Putin sancionou as anexações?

São eventos não relacionados. Nós temos o nosso próprio plano — retomar todos os nossos territórios. Não nos adaptamos aos acessos de fúria dos russos. Nós apenas nos focamos em nosso objetivo. Em breve, chegaremos a ele.

Quais progressos concretos as forças ucranianas tiveram em Luhansk nos últimos dias?

No momento, seis pequenos assentamentos foram liberados. Pela manhã, haverá mais.

O senhor vê o risco de Putin radicalizar e usar armas nucleares táticas, caso Luhansk volte ao controle de Kiev?

Nós não desviaremos de nossos objetivos e planos.

De que modo o senhor vê as anexações de quatro regiões pelo Kremlin, sancionadas hoje?

Não muda nada para nós, devemos liberar nossos territórios. (RC)

FRANÇA

Artistas se solidarizam com iranianas

Atrizes e cantoras francesas — entre elas, Isabelle Huppert, Marion Cotillard e Isabelle Adjani — cortaram uma mecha do cabelo em solidariedade com a luta das mulheres iranianas. O protesto foi registrado em vídeo e divulgado pelo Instagram. Enquanto toca a música Bella Ciao, interpretada por uma ativista iraniana, essas mulheres famosas cortam seus cabelos diante das câmeras.

“O povo iraniano, começando pelas mulheres, se manifesta com risco de vida. Esse povo só quer ter acesso à liberdade mais essencial. Essas mulheres, esses homens, pedem nosso apoio”, explica a mensagem coletiva dessas intérpretes. “Sua coragem e dignidade nos obrigam a agir. É impossível não denunciar essa terrível repressão várias vezes (...)

Decidimos responder ao chamado cortando também uma mecha”, explicam.

A convocação para cortar uma mecha de cabelo na frente da câmera surge após um manifesto publicado no dia anterior por mais de mil personalidades do cinema francês, como a atriz Léa Seydoux e o patrono do Festival de Cannes, Thierry Frambux, para “apoiar a revolta das mulheres no Irã”, em uma mensagem transmitida à agência France-Presse (AFP).

Até agora, o mundo da cultura francês falou discretamente sobre a tragédia, em Teerã, que vitimou a jovem Mahsa Amini. A curda iraniana de 22 anos morreu, em 16 de setembro, depois de ser presa por violar o rígido código de vestimenta no

Irã, o qual obriga as mulheres a usar um véu islâmico (hijab). Essa morte provocou indignação dentro e fora do país.

O uso do véu é um debate recorrente na França, um Estado oficialmente laico. Desde 2004, a ostentação de sinais religiosos visíveis nas escolas é proibido, e os funcionários estão sujeitos ao princípio da “neutralidade”. No entanto, existem grupos feministas que defendem o uso do véu pelas mulheres muçulmanas em nome da diversidade e como medida de afirmação política.

Estudantes

As jovens estudantes iranianas têm realizado manifestações esporádicas, nas quais retiram o véu, para protestar pela morte

de Amini, desafiando a forte repressão aos protestos que acontecem por quase três semanas no Irã. O procurador-geral do Irã, Mohammad Jafar Montazeri, garantiu que havia jovens participando dos protestos devido à influência das redes sociais. “O fato de haver jovens de 16 anos nesses eventos é uma consequência das redes sociais”, declarou o procurador-geral, segundo a agência Isna. O ministro da Educação, Yousef Nouri, citado pela agência Isna, assegurou que “os ataques do inimigo têm como alvo as universidades, a ciência e a educação”.

A ONG Human Rights Watch afirmou que verificou 16 vídeos publicados nas redes sociais, nos quais, segundo a mesma, agentes da “polícia e de outras forças de segurança” aparecem “usando a

Instagram



A atriz Juliette Binoche corta mecha do cabelo: “Liberdade!”

Instagram



A também atriz Marion Cotillard participou do protesto virtual

força de maneira excessiva e letal contra manifestantes”. As imagens mostram a polícia “usando armas de fogo”, disse. A repressão

“demonstra um esforço concertado por parte do governo para aplacar a dissidência, com desprezo insensível pela vida.”